



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 363 — Preço 1\$00
8 DE FEVEREIRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

RELATORIO DE 1957



Aqui, LISBOA!

Ao principiar este Relatório, o primeiro dado à estampa depois que Pai Américo partiu, temos diante de nós, e meditamos, aqueles apontamentos que ele intitulou «Algumas Notas Exteriores, pois que por elas se costuma julgar a Verdadeira Igreja e também as suas obras».

Não as reportamos agora na íntegra; mas não podemos silenciar a notícia dos primeiros passos, da sementeira «em lágrimas», que só ela é garantia da «colheita em exultação»:

a) Tendo sido designado para uma paróquia o seu fundador (da Obra da Rua), no momento de tomar posse, sobrevem-lhe uma doença que o impossibilita. Ao fim de três anos e tendo-se por incapaz, pede e obtém do seu Prelado licença para se dar à visita de Pobres.

b) Dado a esta missão com licença superior, não tardou que não fosse observado e tido por «imprudente» e como tal comunicado a seu Bispo, por alguns sacerdotes de boa consciência. O Prelado não se manifestou.

c) A seguir são os directores dos hospitais e sanatórios de Coimbra que o tomam por indesejável na sua actuação entre os doentes e pedem ao Prelado que deserre. Outra vez o Ex.mo D. Manuel Luiz Coelho da Silva ignora o dito.

d) Finalmente é um officio do então Ministro da Justiça, que o manda retirar de membro actuante do Patronato das Prisões, pelas suas «inconveniências».

e) Assim afastado dos Pobres e dos reclusos, o fundador dá-se às crianças da rua e organiza um grupo de cinquenta delas, em colónia de montanha. Desta vez é o próprio Prelado que teme, mas não proíbe. No segundo ano, houve menos receio. No terceiro, pleno consentimento. Desde aquela data o serviço de colónias de montanha e mar na nossa Obra, nunca mais foi interrompido. Quantos milhares de crianças!

O Evangelho diz que «se a semente não morrer...» tudo é perdido. Aquele que hoje contempla a árvore de grande porte que a Obra da Rua é em seus 18 anos, saiba que ela nasceu do «pequeno grão de mostarda» que se julgou perdido ao longo do caminho de aparente fracasso, que foram os primeiros passos sacerdotais do seu Fundador. Quem hoje se admira da abundância de meios materiais que a nós acorrem, torne ao Evangelho e leia: «E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que... todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os campos, por causa do Meu Nome, receberá o centuplo e possuirá a vida eterna».

E saiba mais: Que este crescer úbere da árvore nascida do «pequeno grão de mostarda» é resultado não só daquela sementeira toda em renúncia, mas também da adubação em sangue repetidas vezes sem conta durante 16 anos: «Suei sangue. Sei o que é ser mártir. Não afirmo que naqueles tempos de prova Cristo Jesus me tivesse aparecido e falado, como tantas vezes a Paulo. Não posso dizer. Mas senti o Seu bafo».

Quem entender o como e o porquê da contradição nas Obras in nomine Jesu, não se admira que de verdade a morte de Pai Américo — ele mesmo; de algum modo, o «pequeno grão de mostarda» a que Deus deu o incremento — tenha sido, e esteja sendo, o princípio da Obra que Deus lhe fez fazer.

Casas do Gaiato

Um sinal dos «clássicos que costumam dar o calibre da verdadeira Obra de Deus» (segundo o dizer de Pai Américo) e que é «nota final e evidentíssima» — é uma certa efervescência entre os chamados aos caminhos de doação a

Deus a respeito deste caminho de Deus que é a Obra da Rua. A seu tempo «O Gaiato» relatou a vinda de dois padres novos, Acílio e Manuel António, que os três «velhos» tomamos (Podemos dizê-lo com tão fortes razões como as de Pai Amé-

rico) «por o anjo do Horto». Mas nos Seminários lavram fogueiras de dedicação e só não as damos todas ao conhecimento de todos porque, o espaço no Famoso é cada vez mais, vital. Deixo aqui uma, inédita, por testemunho de todas:

«A gente lê e pasma; a gente lê e chora; a gente lê e reza! Há para tudo isto no «Gaiato». Há mistérios divinos no coração dos homens. Benditos aqueles por quem Deus se manifesta! «Vinde benditos de meu Pai, porque tive fome e deste-me de comer...» Senhor, eu estou insaciável. Eu tenho fome. Eu quero ser um dos Vossos pequeninos para um dia ser causa da glória destes misericordiosos: «Tive fome e deste-me de comer...»!...

O dom de Deus é tudo. Tantos seminaristas tocados! Ele é verdade que o Espírito sopra aonde quer. Bendito seja Deus.

Cont. na pág. DOIS



TRIBUNA DE COIMBRA

Já então todos aqueles de boa vontade a quem foi anunciada a boa nova do nascimento de Jesus vieram e trouxeram os seus presentes. Cada qual conforme as suas posses.

Também hoje aqueles que vêem Jesus incarnado no seu irmão Pobre e pequenino vêm com as suas ofertas mais que materiais, porque feitas de amor.

Com os presentes do Natal da última Tribuna vieram também: Um senhor com cem; duzentos em S. Bartolomeu em acção de graças; um sacco de batata de quem as semeia para seu consumo e depois divide; vinte a um vendedor; roupa e cinquenta de um alferes que foi para a África e se

Cont. na pág. QUATRO



Quem passar na estrada da Lousã a Miranda do Corvo, ou vice-versa, não tem que perguntar; é ali.

Por detrás da colina do Alto de S. João, aurora de esperança desponta sobre a Curraleira. A noite do esforço gigantesco pela sobrevivência foi gemasiado longa. Acarretou suores, dores e martírio. Agora é o raiar do dia claro e promissor. A pobre gente vai ter o seu lugar entre os mais da sociedade. Parece quimera, mas não. Porque se julgou irrealizável o sonho acarinhado, por tanto tempo em noites de insónia, não se acredita nele. Contudo, é realidade próxima.

E, porque nem os beneficiados o crêem, vai ser ali mesmo operado o recobro. Como o sofrimento inglório mata a virtude da Esperança! Ganhar confiança ao homem que um dia foi rejeitado ou sofreu injustiça, é coisa penosa e demorada, senão impossível!

Antes de tudo, vão ser salvaguardadas as crianças. Elas os homens de amanhã: daí o serem cuidado primeiro! Os terrenos, que ali se encontram inutilizados, estão franqueados pela Câmara para instalação provisória de creche, balneário, cantina, escola e casa de trabalho. Não mais se repete que ando sujo por falta de água; que não vou à escola por não ter café, nem camisa; que aquela não comparecem as crianças por preverem a rejeição dos professores, que preferem as de condição mais elevada.

Ninguém volta de futuro a vender linhões e alfinetes por não saber fazer mais nada, por não ter onde aprender a trabalhar.

A Misericórdia de Lisboa está em tudo presente. Com suas possibilidades arroja-se para a vanguarda do movimento. Anda por ali quem sabe e quer, de alma e coração, a proceder à eliminação desta chaga, dolorosa para todos, dentro dos muros da capital. Mãos especializadas orientam a recuperação social.

Os adultos não vão ser olvidados no seu mísero subviver. Nas novas instalações funcionam salas de distração e aprendizagem. Com este intuito também as oficinas da paróquia estão patenteadas.

O Município da cidade prevê finalmente no local moradias condignas de pedra e cal, com água e luz e canteiro florido em torno, para este povo tão dispar em proveniências, mas idêntico em situações e anseios. Mais; no seu intuito de restauro e alimento da cidade vai aproveitar a mão de obra daquela gente e proporcionar-lhe o ninho limpo que não conheceu ainda.

Por isso, digo que a aurora raiou, e dentro em breve, o sol desponta para aquecer e aluminar e o mundo contempla com toda a nitidez a obra suspirada da Curraleira nova, onde não há antros, nem promiscuidade, nem cheiro nauseabundo, mas cor, alegria e vida sã: terreno propício para compreender e responder ao esforço da caridade ali dispendido. Aguardemos.

Entretanto, não se julgue dispensado o cristão consciencioso, porque enzim trabalha quem deve. Não. O cristão precisa de estar presente como titular e possuidor legítimo da moeda em que tudo aquilo há-de ser realizado — a cari-

Cont. na pág. QUATRO

RELATORIO DE 1957

Olhe, eu só tenho dois desejos: quando morrer, ir para o Céu; quando for padre, ir para a Obra da Rua».

Porém, nós tivemos a graça de ouvir mais: de ouvir da boca de um Prelado a confissão do seu contentamento, porque metade dos seus seminaristas, se Ele pudesse dá-los, queria ir para a Obra da Rua.

Já não é só o grito de uma alma juvenil, cantando a paixão dos vinte e poucos anos. É a palavra serena e reflectida de um Homem na posse plena da sua maturidade, a quem Deus deu missão e as graças próprias de Pastor.

Mas ele há mais. Um rapaz em idade de saber o que quer e tendo de há muito, já, a certeza do que Deus lhe quer, ultima a sua formatura, após o que ingressará num seminário para ser «Padre da Rua». E sei de outros, a quem Deus ainda não deu a decisão, os quais, sofrem interrogações cuja resposta começa por se chamar generosidade.

Pois ainda não é tudo. Diríamos quase que ainda nada disto foi o mais! É sabido que a Obra da Rua é «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Já os tínhamos na direcção de vários sectores de actividade e à frente da disciplina das nossas comunidades. Não que materialmente tenha havido, pois, grande modificação. Mas houve, sim, e continua amadurecendo, um tomar diferente de consciência. Um sentido de dedicação de que antes não se dava fé. E mesmo, um ou outro caso de doação integral ao serviço da Obra se põe em perspectiva. Problemas novos que eles levantam, que nós agradecemos a Deus só pelo facto de serem levantados, apesar de ainda lhes não sabermos responder.

Dois rapazes, um de 18, outro de 19 anos arrostam com as dificuldades de estudante, após longa pausa, desde a instrução primária, com o desejo de virem a ser «Pai da Rua». O que há-de ser de glória esse dia, se Deus nos der a graça da subida ao Altar de dois que foram «farrapões», pelo amor e para o serviço de «farrapões»? Os que nos amam sentirão e viverão connosco a responsabilidade de merecermos uma tal ventura.

Com Pai Américo e para além dos limites que ele próprio terá «visto», nós podemos dizer que a Sua morte, sim, e o despertar consequente de ânsias de doação total ao amor dos Pobres em tantas almas, é na verdade a «nota final e evidentiíssima» de entre todas as «que costumam dar o calibre da verdadeira Obra de Deus».

Talvez por isso a Igreja deu mostras de nos apertar mais no Seu regaço de Mãe e arriscou palavras expressas de adopção pela boca do nosso Bispo do Porto, na data muito memorável para a Obra da Rua» de 4 de Julho de 1957.

Se dissermos que da Auto-

ridade Civil continuamos a receber protestos de confiança, e nela encontramos, como nos melhores tempos, uma boa vontade e uma disposição de facilidades bem singular; e acrescentarmos a amizade da Nação, que continua acorrendo às Casas do Gaiato e ao Jornal, com a sua presença viva, bem manifestada na caridade incansável das suas esmolas — nós teremos declarado um título mais do nosso reconhecimento à Misericórdia infinita de Deus, nosso Pai, que nos tem tratado como se

fôramos «a menina dos seus olhos».

Nem tudo, porém, são rosas. A fase terrestre dos caminhos de Deus chama-se «Via Crucis». E não consta que jamais se tivesse chegado à fase intemporal, gloriosa e feliz, sem ser atrás do Mestre, ao longo da colina de Calvário, com a cruz sobre os ombros, com Ele e como Ele.

Retomamos aqui palavras de Pai Américo no Relatório de 1954, inéditas para a maioria:

Aproveitamento

«Começemos por tudo aquilo que aos nossos olhos ignorantes parece um desmoronar e veja-se como o Poder de Deus é suficiente para tornar pedras em filhos de Abraão. Temos tido casos, e tantos são eles, aonde a solução seria fechar as portas e mandar tudo embora. Ele são os assaltos premeditados e levados a efeito por um que foi da casa e porque sabe os cantos dela, é bem sucedido. Ele roubos aconselhados e dirigidos por gente de fora e por eles praticados. Por vezes as próprias famílias! Tem havido o rapaz que vai connosco às igrejas fazer peditórios e rouba o dinheiro. Outros trazem em si outros defeitos da massa de suas mães. Digo mães porquanto o pai legalmente não existe.

Há os dissimulados. Os da mentira a pés juntos. Os que deturpam. E como somos por

sistema a «porta aberta», aí vem a malícia de estranhos que gostam de ouvir e de julgar.

A ingratidão é uma outra moeda em curso no nosso meio. Também aqui, como **naquele tempo**, em Israel, é raro encontrar quem conheça e agradeça benefícios recebidos. Isto que aqui se diz e o mais que se entrevê, não é medida nem representa a dor que trespassa o coração da gente. Mais do que nos tratados dos mestres, é nestas páginas dolorosas que se aprende o mistério da Encarnação, a sua necessidade, presença e acção do Homem-Deus, fé nas Suas palavras. Compreende-se nesta Luz o Modelo e o Exemplo. Que Ele é o Caminho e a Vida.»

Tal como ontem, é hoje e será sempre. Saibam os que estão e os que vierem a servir a Obra que o seu reinado não é deste mundo.

Compensações

A nossa pequenina experiência diz-nos, no entanto, que nada se perde de quanto se semeia in nomine Domini. O colher pode não ser connosco. E se o fôr, não se sabe quando. Porém, tudo aquilo que se faz com recta intenção, no dia a dia de uma Obra que não é a nossa obra, mas sim de Deus, tudo isso vem a dar fruto.

Seguíamos, há dias, por uma rua do Porto. Atrás de nós passos de quem corre. Era um, o primeiro que convidamos a sair do Lar, onde se não sentia bem e era elemento de perturbação. Foi há três anos. Nos primeiros tempos ele não escondia o seu ressentimento. Passaram anos. Ele tem agora vinte. Vê coisas que não via aos 17, quando era presa da paixão da independência. Agora corre atrás de nós, para cumprimentar e nos dizer que precisa do nosso conselho sobre projectos para a sua vida. «Com quem hei-de ir ter, se não consigo...»

Dias antes fora outro, de quem Pai Américo me manda-

ra participar em tribunal e aonde depois fomos ambos, no dia do julgamento, a moderar a sentença. Este anda também pelos vinte. Quando saiu da Casa, mentiu, deturpou. Não só de mim. «Os chefes agora são uns espias». Como a conversa dele mudou! Eu regalei-me, uma hora cheia de sabor, ouvindo-o falar de si mesmo e de outros que voltaram a «andar por lá» e ainda não acharam o seu caminho.

Não, quando se trabalha numa Obra que não é a nossa, mas sim de Deus, e se age com recta intenção, procurando o melhor, nós não sabemos quando, nem se somos nós que viremos a colher. A nossa fé, porém, garante-nos que nada será perdido. Confortem-se desta certeza, para alimento das horas amargas, os que estão e os que vierem a servir a Obra.



Visado pela
Comissão de Censura

Africa e Brasil

Só que fossem as notícias e a presença amiga dos que por lá vivem... e teríamos já grande motivo de alegria!

Tivemo-la, porém, acrescentada pelos que para lá partiram no ano de 1957.

Um para o Brasil. Foi ele mesmo que «conquistou a praça» durante os anos de vendedor do Famoso.

Vejam os outros quanto se ganha em ser amável e cumprir o seu dever. O Hélio não é nenhum rapaz extraordinário; mas aquelas duas qualidades bastaram para que alguém reparasse nele e fizesse grandes projectos que agora se estão cumprindo.

Outro foi como tractorista para a Câmara de Luanda. Outro, chamado por uns pa-

rentes, para o interior de Angola. E há dias, três tipógrafos, um para Luanda e dois para Vila Pery.

Deus os ajude a corresponder à graça de que foram objecto; e a ser, lá longe, «bandeiras» da Obra da Rua, a despertar decisões de outros chamamentos.

Ficam-nos ainda muitos rapazes que desejamos mandar para África. Aos nossos amigos de lá, que são tantos e de tão rija ténpera, nós deixamos aqui esta lembrança. Foi para abrir caminho e conquistar chamadas que Pai Américo aí foi em 1952. Pelo mesmo motivo, algum de nós há-de voltar, mal seja possível. Mas, até lá, não esqueçamos. Ficam-nos ainda muitos rapazes que desejamos mandar.

Vida Espiritual

Tanto quanto pudemos dentro da extrema limitação do número dos nossos padres, nós procuramos manter o fogo da formação natural e sobrenatural dos nossos rapazes.

As chamadas «horas de doutrina», os tribunais, as reuniões dos chefes, foram oportunidades sempre aproveitadas para esclarecer inteligências e fortificar vontades.

Da reunião que em 24 de Setembro juntou em Paço de Sousa todos os rapazes com responsabilidades nas oito comunidades da Obra: Setúbal, Lisboa, Tojal, Miranda do Corvo, Coimbra, Porto, Paço de Sousa e Beire — se disse ao tempo. Dos frutos dela, é cedo ainda para dizer.

Em Singeverga e no Santuário da Senhora da Piedade de Miranda do Corvo, decorreram três turnos de Retiro, por onde passaram todos os rapazes do norte, centro e sul, capazes de tal acto. É o acto central da nossa vida de piedade durante a ano. Por ele e nele, se faz balanço do passado e do presente e se deitam contas ao futuro.

Ainda a este respeito, quem

pode dizer já da quantidade e do sabor dos frutos?

As conferências vicentinas continuam sua acção e a comunidade de Setúbal ensaiou os primeiros passos. Espera-se que o novo ano não encerre sem que uma nova conferência ali surja.

De resto, a **alimentação sobrenatural** dos nossos rapazes, é fiel aos princípios de sempre, aliás os da Igreja, como foi recordado da palavra do Papa, nos números de 2 e 16 de Janeiro de 1956 de «O Gaiato» e que Pai Américo resume tão belamente assim:

«A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro.

As grandes aflições dos «Padres da Rua» tenham aqui a sua origem; vale mais a alma que o corpo.

Por ela, pela alma dos rapazes sangrem os padres até ao fim. A nossa capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: — pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.»

Trabalho

Aqui queremos sublinhar não só o papel do trabalho na pedagogia da recuperação do Rapaz da rua, vadio e inclinado a vícios, senão mesmo caído neles, mas também o que ele representa entre as nossas fontes de receita e, ainda, a oportunidade que nos dá de partilharmos do nosso pão com dezenas e dezenas de famílias que aqui ganham o seu.

Entre todas as oficinas das Casas do Gaiato avulta a Ti-

pografia de Paço de Sousa pela sua expansão e movimento. A feitura do jornal obrigou-nos à vultuosa compra de uma nova impressora à beira dos 400 contos, que veio abrir novos horizontes à aprendizagem dos rapazes.

De resto, não se têm pou-pado esforços por que esta aprendizagem se faça, em boa técnica e em hábitos bons de trabalho. Temos facilitado es-

Cont. na terc. pag.

7 RELATORIO DE 1957

tágios em empresas onde a técnica e a disciplina se dão as mãos. E sempre se nos têm aberto as portas aonde batemos. O Rapaz que vai daqui mal habilitado ou mal habituado, saiba e saiba-se que é por sua culpa, que não por falta de oportunidade.

Em Miranda do Corvo começaram a funcionar as novas oficinas com o melhor apetrechamento. Em Setúbal começa a sentir-se a necessidade delas. Mas no Tojal há muito já se sente essa urgência. Há um edifício pronto há dois anos. Temos rapazes. Temos crédito para a compra de máquinas. Temos quem nos garanta trabalho. Só não temos Câmara que sinta a responsabilidade de «dar nozes a quem mostra bem ter dentes» — e naquela casa vive-se em trevas e segurança, por falta de energia eléctrica e água que se promete muito e nunca mais se vê. Às vezes não é nada fácil trabalhar a bem da Nação!

Infelizmente o próximo ano promete crise a muitas das nossas oficinas. É a tropa. É a tropa que vem e tira e não repõe os do ano anterior. Ou voltamos aos tempos primitivos do assalariado estranho entre os nossos rapazes; ou nos resignamos a um sono letárgico de dezoito ou vinte meses.

De obras há muito se vem dizendo que «esta é a última»; mas o crescer da Obra impõe-nos mudar de decisão. De Beire diremos quando se falar do Calvário, posto sejam ali duas as Obras: Este e a Casa do Gaiato.

Em Paço de Sousa acabou-se a nova adega e encetou-se o prédio para os Correios e Guarda Republicana que a necessidade da terra e a falta de iniciativa estranha nos obrigou a tomar sobre nós.

No Tojal, o novo balneário e a casa do Abel. Em Miranda e Setúbal instalações agrícolas e arranjos vários.

miram. Os sobrantes não dão 1.500.

Das cartas que chegam, transbordantes, que «o Bem é difusivo de si mesmo», tiro esta, ao acaso, para não me perder na perplexidade de uma escolha difícil:

«Foi verdadeiramente emocionado que terminei a leitura do referido livro «Doutrina», porque o saudoso Pai Américo fazia doutrina apenas baseado no Evangelho; e o Evangelho é o único livro que a marcha do tempo não tem envelhecido nem desactualizado — porque veio de Deus e o que vem d'Ele é eterno. Quem lê hoje as grandes obras do passado? Os eruditos, apenas:

mas o Evangelho, decorridos dezanove séculos, é o mesmo, porque os homens não mudaram: o egoísmo impera no coração de quase todos e os bons samaritanos são raros. E Deus que sabia ler no coração dos homens como em livro aberto e que, de igual modo, sabia de que matéria frágil somos feitos, não se limitou a fazer doutrina para os da sua época, mas sim para os homens de todos os séculos futuros.

O Pai Américo tombou talvez cedo de mais; mas só agora, conforme o tempo vai decorrendo sobre a sua Obra, é que nós avaliamos a grandeza de alma que possuía e o génio que o animava».

outros turnos de outros rapazes e de outras raparigas, sempre com o patrocínio do P. E. Horácio.

Além da ocasião de refazer energias, estas colónias são, sobretudo para os rapazes que vêm directamente da rua, um tempo de civilização e catequese. Muitos não tiveram outra oportunidade para saberem de Cristo, senão esta. Muitos nunca souberam o que era uma cama limpa e individual, senão ali.

E, da surpresa que é a comida simples mas bem preparada, diz-nos a «fúria» habitual do ataque à panela da sopa e ao tacho do conduto nos primeiros dias.

Além disto, as colónias proporcionam a muitos dos seminaristas que delas se ocupam, um sentido para as suas férias e uma primeira experiência sacerdotal para o revigoração da sua vocação. «Tantos seminaristas tocados... Quantos, para quem as colónias têm sido uma pequenina «estrada de Damasco», onde se dá o encontro que os desperta de uma vida banal!

(Continua)

CONTAS

Chegados a este ponto, que é o ponto central de qualquer relatório, sentimos uma angústia de desanimar. As nossas contas estão à vista. Foram dadas ao longo do ano. Tudo o que nos deram «O Gaiato» o trouxe. Tudo o que fizemos «O Gaiato» o disse. Aquilo que distribuimos e que nos deram para distribuir não lhe sabemos o conto, nem queremos saber. Só temos pena que a nossa limitação de homens, ainda por mais, tão solicitados por muitos deveres, nos não deixasse ir mais longe naquela distribuição.

«O Fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza».

«É proibido aceitar heranças por testamento...»

«Sabemos que, pelas riquezas, viria, naturalmente, a cobiça; e por esta a intromissão. Isto procuramos.»

Desde que Pai Américo partiu rejeitamos três quintas: uma de 15 hectares, ao pé de Sintra; outra de não sei quantos no Minho; e outra, de que nos disseram o valor, em Lobão da Feira. Gente interessada. Gente viva, a querer desprender-se a insistir. Foi em vão. Os «Padres da Rua» nem hesitaram, nem discutiram o problema. Nada. Responderam unânimes e decididos que não podiam receber.

Quintas para rendimento, só se esse rendimento se traduzir em recuperação social. De outro modo, «acabariam na Obra os Pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do bem do Rapaz. É a traga». Ora nós não nos podemos ocupar de mais

do que ora nos ocupamos. As necessidades dos Pobres são grandes. Eles precisam da expansão da Obra. Antes, porém, a Obra precisa de obreiros. Quando eles forem, também não há-de faltar onde se dêem.

Permitam-me, pois, os senhores que volte a Pai Américo e tome aqui as palavras finais deste capítulo **Contas** no Relatório de 1956:

«De sorte que é fugindo que nós procuramos. A renúncia é a forma estranha e diria incrível, com que temos feito até hoje e esperamos continuar a fazer face às enormes despesas da nossa organização. Queremos interessar, dar sociedade a todos os homens, sobretudo aos apóstolos dos ensinamentos de Cristo. Eles não-de vir pelo seu pé, embelezar sua alma, enriquecer, amar. A maior obra de misericórdia que podemos fazer entre os homens é dar a cada um a tábuca de uma oportunidade. «Bemaventurados os misericordiosos». As Bemaventuranças ainda são o Sermão».

Daí, que a nossa Obra não seja de pobres nem de ricos, mas da Caridade que une os pobres e ricos e lhes dá a perceber que são irmãos em Cristo. O Mesmo, o Único Salvador para todos os homens, pobres ou ricos.

Estas são as nossas contas. As outras são «números arrojados numa obra arrojada; aqui implícita, ali explícita; querida por uns, tolerada por outros — tudo consoante a permanente contradição do Evangelho».

TRIBUNA DE COIMBRA

(Continuação da 1.ª página)

tem lembrado sempre de nós; um estudante universitário que nos visitava muitas vezes, antes de ir agora para a Índia veio trazer-nos as suas coisas. Estes dois jovens, não-de ser no nosso ultramar dois faróis de bem. Deus os ajude. Cinquenta e mais cinquenta no Lar; Uma peça de flanela da loja de todos os anos; muitas assinaturas pagas; cinquenta de alguém que passou; cem de um sacerdote, vinte de outro; 150\$ de uma estudante; mil levados ao Lar mesmo na ocasião própria. Deus aflige-se conosco nas nossas horas de aflição.

Duzentos em vale de correio; cem para o Calvário e duzentos para os gaiatos no Castelo; mais dez; cinquenta numa casa; o mesmo muito discretamente em Santa Cruz; vinte para os Pobres, mais cinquenta na Sé Nova; mais 20; quinhentos do primeiro ordenado de F. S.; trinta no Lar; cinquenta na rua de um senhor que sempre que me encontra faz o mesmo; quinhentos do Governo Civil; mais cem; quinhentos de uma empresa; cinquenta e roupas sem dizer nada; cem e roupas por alma do marido; seicentos para todas as nossas casas; vinte para a cancerosa e roupa e um cobertor para as duas criancinhas.

Os mimos da fábrica do costume; as costumadas coisas para as broinhas dum armazém; sola e uma pele de uma fábrica da especialidade; duzentos no Castelo e trezentos das duas amiguitas; quinhentos

(Continua na página QUATRO)

O Gaiato e nossas edições

Temos ouvido, muita vez, de muitas pessoas, de cultura variada, com a mais diversa autoridade, que a maior obra da Obra da Rua não é o bem que se faz aos rapazes, nem aos Pobres, mas o que se faz a todas as almas pelo movimento criado, o qual fez opinião e continua movendo como nenhuma outra a opinião pública.

Ora o arauto deste movimento vivo, pois move, (apetecia-me quase dizer: o profeta deste movimento) é «O Gaiato». É um mistério a sua força. Sem cabeças bem pensantes a escrevê-lo; o mesmo motivo sempre por assunto: a pessoa do Pobre, as suas dores e os seus direitos esquecidos — não se sabe como ainda não cansou, ao longo de 14 anos quase cumpridos.

E no entanto, de muitas formas, muitos exprimem o mesmo pensamento:

«Talvez esta assinatura, que a Providência pôs nas minhas mãos, seja o início dum movimento interior que eu há muito sinto em mim. Queira Deus que sim! É que, afinal, não custa nada atear um fogo que já queima».

Ou então, este: «O Gaiato é o melhor jornal que conheço, aquele que faz chorar, que penetra no mais fundo das almas, que acorda consciências, enfim, um mundo de coisas novas para os descrentes e até para os crentes que vivem superficialmente».

Sim, nós lobrigamos a chave do segredo deste interesse, desta ala de namorados que aguarda ansiosamente a quinzena do jornal e lê de ponta a ponta e tem pena de ter acabado tão depressa e fica esperando com a mesma ânsia a próxima quinzena. Nós lobrigamos

a chave do segredo. Pai Américo denunciou-a: «Quem seguir a sua leitura não tem remédio senão encontrar ali um propósito, uma inquietação, um pensamento dominante e permanente: **revelar Cristo**. Ora é precisamente por isso que os que se chamam descrentes não dispensam a sua leitura».

Hoje, como «naquele tempo» a mesma interrogação: «Mas não é este o filho do carpinteiro? De onde lhe vem então esta sabedoria e um tal poder?»

Cristo é de ontem, de hoje, de sempre. Ele o eterno Sedutor dos homens.

É por isso, porque não há senão um assunto, nem há sequer cabeças bem pensantes para o tratar, mas esse assunto é **revelar Cristo**; é por isso que «O Gaiato» continua a ser o Famoso, a crescer em idade e a ver crescer com ele a ala dos namorados.

É por isso que, se por um lado avolumam o mistério, por outro, mais o revelam, estes números que aqui se dão: Em Julho de 1956 havia 28.000 assinantes e a tiragem do jornal era de 44.000 exemplares. Em Dezembro de 1957 eram 31.000 assinantes e uma tiragem de 48.500.

O que se diz do jornal diz-se das nossas edições. Elas «já estão vendidas na hora em que entram no prelo. Os primeiros a devorar são os que se confessam descrentes e não praticantes».

Isto escreveu o Pai Américo e podemos repeti-lo palavra por palavra.

O ano passado saiu o «Doutrina». Foi em Maio que começou a expedição para os assinantes, a razar os 4.000. Foram 7.500 livros que se imprimam.

idade

ntinas
a co-
saion
era-se
ncerre
rência

ão so-
pazes,
empre,
no foi
to Pa-
16 de
Gaiat-
esume

s nos-
centro.
s «Pa-
aquí a
alma

os ra-
es até
A mis-
a dou-
as ora-
sacra-
mesa,
e cho-
m vir.
s».

asa pe-
mento.
prigou-
ra de
beira
o abrir
endiz-

a pou-
esta
em boa
ons de
ado es-
c. pag.

Da que nós necessitamos

É uma carta anónima de Gulpilhares que fala. «Sou mãe de um pequenino assinante do vosso jornalzinho, pois nele aprendemos a amar a Deus e ao próximo. Sempre que o leio choro de alegria por ver tantos benfeitores lembrarem-se dessa tão grande Obra de Caridade que jamais conhecerei. Sim, direi alegria, pois quando envio também o meu óbulo, ou quando dou esmola a algum pobrezinho choro sempre de alegria e tristeza ao mesmo tempo; alegria por poder dar e tristeza com pena deles por terem de estender a mão à caridade». 6 carta!

Dos C.T.T. do Porto veio «uma migalhinha porque não posso dar mais. Uma viúva manda o último dinheiro que seu marido ganhou. 100 de uma promessa. De Albergaria-a-Velha 20\$ para auxílio das nossas despesas. Igual quantia «de uma admiradora dessa Grande Obra. Cinco vezes mais de Oliveira de Azemeis. Quando cá vierem com certeza encontrarão muitos dos nossos pequenos de botas brancas. Não estranhem. A Fábrica do Casal pediu-nos licença para as oferecer. E nós demos-lha. Do Comércio do Porto vieram 1.285\$00 de vários depósitos ali feitos. 550 do aumento de um ordenado. São de Lisboa. Idem do Porto com a seguinte legenda: «não é sem sacrifício da minha vida quotidiana que retiro esta importância do meu ordenado. Mas fico contente por obedecer a um imperativo da minha consciência». Outra vez Lisboa com igual quantia. E os funcionários da Caixa Sindical Textil juntam-lhe mais 80 «lamentando ser tão diminuta para o muito que desejariam dar». É a vez dos mealheiros. O do pessoal da oficina de ourives de Fernando Augusto Trigo rendeu 345\$00. É um exemplo. Da Rua da Alegria um vale «que contém algo do nosso esforço e muita admiração». É um jovem casal que fala. Roupas do Porto e de Coimbra. Preciosos retalhos para gabardines e blusões. Dois cortes de pano para sobretudo. 200 de Lisboa. «Migalhinhas do cofre das minhas três filhitas». 50\$ de Alcobaca. Um pobre que quer dar aos pobres. «Tenho pena de não poder mandar muitas vezes mas dou do que me dão». O Pessoal da Mobilóil não falta nem pode faltar. Cem de «uma senhora idosa». Meta-de não sei de quem. Idem de alguém que deseja mandar muito mais. É da Anadia. Dez vezes mais da Sociedade de Rolamentos. Póvoa de Varzim vem e deixa ficar 100\$. Vinte no Espelho da Moda. Idem de uma telefonista pela saúde de seu filho. Para os Pobres do Barredo vieram 300\$. Migalhas recolhidas num atelier de Lordelo do Ouro. Todas juntas renderam 140\$. «Um pouco do muito que gostaria de dar»—240\$. É de S. Mamede de Infesta. Uma mãe que pede a benção para seu filho, manda-nos calças e grava-

tas. É uma maneira de pedindo primeiro. 500\$ de um Armazém de mercearia do Porto. Automóveis prós batatas; remédios alimentares e lambarices. Tudo cá vem ter. 60\$—prestação de Novembro a Janeiro. Mais 40\$ de Castelo Branco. Paços de Brandão acrescenta 10\$. Igual quantia da Rua da Boavista. O dobro para os pobres do Barredo. Deixem passar um grupo de operários da Firma A. Laranja, Lda. Atrás vem um tijolo no valor de 200\$. Braga não fica em silêncio nem tão pouco ausente. Mil da Rua N. S.ª do Leite. O pessoal da Casa Vilares também marca presença com 63\$. A avózinha de Moscavide oferece 30\$ pela felicidade do netinho que faz anos no dia 7. Guimarães! Ai vem com um pacote de tecidos para fatos dos rapazes e duas peças de cotim. Castelo Branco segue-lhe na esteira com gabardines, luvas e sapatos. Angola com roupis e retalhos. À frente a Companhia do Assúcar com 1.000\$. Sabonetes «tirones». Tomar e Manuel Pinto acaçaram logo deles. Roupas de senhora e de criança. Camisas «embaladas». Diz uma operária: «era com destino a vender mas sinto-me mais feliz que seja para um dos rapazes. Deus me ajudará por outro lado». Tenha certeza disso. E mandou roupas de seu filho. 120\$ de uma promessa. Menos cem «por alma de minha querida filha». E mais 30\$ de uma funcionária do Hospital Geral de S. António. Deixem passar a «Invencível» com 2 peças de flanela. E mesmo juntinhos vêm 5 lençóis também da Porto. «Os vinte estrelas de S. Lázaro aí vêm com a sua alegria. Amealharam 520\$ que será «a contribuição anual para essa sublime e magni-

Tribuna de Coimbra

Cont. da página TRES

tos e bolos-rei do primeiro Amigo; a mala de roupas que de há muitos anos vem no dia de Natal; duzentos de uma senhora que há muitos anos faz o mesmo; quinhentos do Banco de Portugal; azeite da «mãe do Zé António»; piões e jogos dum bazar muito amigo; um fato por alma de quem o usou; cinco pneus usados; vinte em carta; roupas de menino e sapatos a um vendedor; uma estudante com trinta; uma peça de flanela num armazém. Tudo de Coimbra.

Um chaile de Ordens para uma Pobre; setenta, mais cinquenta, mais cem, mais vinte, mais cinquenta de visitantes; cinquenta da Beira Baixa; dez alqueires de milho de Miranda; os dois fardos de bacalhau de todos os anos; cem da Sociedade Nacional de Sabões; quinhentos por ordem de quem vive no Rio de Janeiro e que nesta altura se vem lembrando de nós.

LAR DE LISBOA

— Já não me lembro da última crónica de Lisboa, tal o desleixo e a preguiça do cronista. Ela aí vai desta vez.

Temos de lembrar coisas que já se haviam de ter dito. No dia um do corrente fomos todos ao Tejal passar

Aqui, Lisboa!

(Continuação da 1.ª página)

dale. Demais, as crianças e doentes são-no antes e ainda depois da obra pronta. A refeição destes, para ter sabor, há-de ser temperada com o quê das privações pessoais, e os agasalhos daquelas confeccionados com o carinho de quem sabe amar os outros, ainda que para isso haja que cortar as exigências da sociedade em que vive. Foi mesmo ontem que uma das senhoras do Posto desvendou a alegria transbordante de tantas vezes se privar do cinema para poder deslocar-se até ali. E, quantas não canalizam para a Curraleira o que o luxo reclama!

Que este lugar seja, como até ao presente, termo de peregrinações diárias e de holocaustos silenciosos e sangrentos. Ele o tem sido. Pois que o seja.

Padre Baptista

fica Obra». Logo atrás vem o Porto com menos 20\$. «É o primeiro ordenado de minha filha e não vos esquecerei quando tiver possibilidades». É um grito da América. Por fim mais 20\$ da Alice «Cigarreira» do Porto.

Padre Manuel António

o dia do Ano Bom. Aquilo é que foi gozar, caros leitores; rancho melhorado, teatro, cinema e um jogo de futebol em Fanhões o qual vencemos por duas bolas a uma e se não estivesse a chover podia ter sido mais.

— Cada vez que vai um dos nossos para África tem de passar pelo Lar. Ainda há pouco o Sr. Padre Carlos esteve cá em baixo com uns rapazes do norte, 3 dos quais vão a caminho. São eles: Fernando Inácio, Manuel Corqueira e Manuel Maria, todos das oficinas gráficas. O Fernando vai para Angola e os outros dois para Vila Pery, Moambique. Deus queira que tenham boa viagem e boa sorte.

— Numa entrevista que tive com o Rocha, perguntei-lhe:

— Quantos dias leva a viagem?

— 26 e só pensar que vou estar este tempo sem trabalhar, até vou engordar uns quilos.

— Não irás enjoar de tanto mar?

— Qual carapuça, então não sabes que levo umas postas de bacalhau salgado?

— Já me não lembrava. Mas não tens de pagar direitos?

— Ainda pensavas que o bacalhau dava até Vila Hery? Aquilo vai ficando pelo caminho.

E aqui termina a entrevista e lá vai o Rocha, sabê Deus como. Se calhar já sem bacalhau!

— Vou-vos falar um pouco da nossa Conferência. Andamos por aqui a ver se arranjam algumas coisas para os nossos Pobres, mas nada. Continuamos a esperar pelas vossas dádivas porque ainda há gente que não se esquece dos nossos Pobres.

Temos uma Pobre que tem dez filhos, alguns dos quais ainda dormem no chão, apesar de lhe termos dado um divã pelo Natal.

Temos ainda outra pobre que tem um filho tuberculoso e que dorme em

cima de uns caixotes porque o divã que lá tem, já não é divã, mas sim os desiroços deste.

No Natal distribuímos uma boa consoada aos nossos Pobres e esperamos que os leitores não se esqueçam de nós.

Edgar de Oliveira Duque

MIRANDA

— No passado dia 19 tivemos a visita amiga dos alunos e professores da Escola da Magistério Primário de Coimbra. Chegaram e deram uma volta a ver a nossa casa e em seguida fizemos um jogo em que saímos vencedores por 4-2.

A nossa equipa foi: Luis (Carequita), Pascoal e Alfredo (Formiga); Machado, Humberto e Octávio; Chico, Zé Luis (Bucha), Porto, Sardinha e Carlitos.

Não posso salientar nenhum dos nossos porque do primeiro ao último, todos lutaram com o mesmo entusiasmo. Os golos foram marcados por Sardinha, Chico, Octávio e Zé Luis.

Em seguida os nossos ilustres visitantes assistiram à Santa Missa na nossa capela, que foi para eles. Depois da missa foi-se embora toda a caravana muito contente.

Que as outras escolas imitem estes seus colegas. Serão sempre bem recebidos.

— No dia 25 começaram 4 dos nossos rapazes a vender «O Gaiato» em Tomar e Leiria. Eles vinham radiantes de alegria porque venderam os jornais todos e os trataram muito bem e se mais levassem, mais vendiam.

Eles venderam em cada cidade 300 e para outra vez levam o dobro e os senhores não os deixem vir com nenhum.

João Martelo

SETUBAL

Em pleno inverno eu digo que aqui, na Casa do Gaiato, não há inverno. Cai a chuva gelada sem clemência, sopra a ventania cortante e o solo amanhece acinzentado pela geada nocturna, mas aqui não há inverno.

As feridas dos atreitos a elas abrem gretas maiores. Frieiras comichosas são a cruz de muitos. A rouparia despeja-se. As fraldas de camisa, habitualmente ao léu, recolhem ao lugar próprio. Mas aqui não há inverno. Não se sente a depressão psíquica que o tempo e a estação, por vezes, trazem. Há botões a florir, rosas a desfolharem-se, há plantas a rebentar de seiva, há alegria, paz, barulho, gritaria, corridas, brigas, futebol, caneladas, discussões, rubro de disputa na face de competidores, aqui vive-se em primavera pujante! São eles que cantam nas ocupações individuais, deleitando-nos com chilreos que nem nos bosques mais floridos nas manhãs de Abril. São Eles!

Eles, a razão de ser da nossa vida, pelo amor de Deus que está neles. Eles a razão de ser do teu carinho pelas Casas do Gaiato! Eles, os abandonados dos homens que não de Deus! São Eles que combatem e vencem o Inverno!

Quando, por vezes, mergulho nos Pobres, no seu mundo vasto e me deixo arrebatado pelo elevado número de situa-

ções de miséria, incuráveis, é este ambiente de mocidade natural, virgem, que me ampara e revigora.

Passam de 70 os familiares desta casa de Setúbal. Eu não estava habituado. Quando tomei conta fiz propósito de não aceitar ninguém até me pôr a par. Apareceram casos forçados. Todos me pareciam irremediáveis! Eu não estava habituado! Pensava que não eram tantos os dos nossos.

Os pedidos continuam a afligir-me. Sou forçado a dizer que não, embora a sangrar. Não posso. São os que já tinha que me obrigam a não aceitar. Passam dos setenta! A escola regorgita de gente! Muitos com doze e treze anos frequentam a primeira e segunda classe. Nunca tiveram escola ou, se tiveram, nunca aprenderam! Pedí mais cinco carteiras. Bem haja a Câmara que imediatamente mandou quatro! Por cada um que entra tenho feito um acto de fé. Deus não abandona os que nele confiam, mas agora não posso por mor dos que cá estão. Seria imprudência transformar este oásis num pântano mal cheiroso.

Quero que, quando nos visitantes te revigores também e leves a alma mais moça pelo contacto com a virgindade do nosso ambiente primaveril.

Padre Acílio